COmART

Publicação Bimestral do Projeto Produção Universitária
Abril/14 - ANO II - Nº 11

04 **NESTA EDIÇÃO DA COmART**
por Ilana Linhales Rangel

ARTE PLURAL 05
Vagabundo Centenário por Laisa Felipe

07 **LENTE DE AUMENTO**
Lente de Aumento sobre o Texto e a Escrita por Danilo Machado

COmPOESIA 09

11 **QUEM É?**
Dorival Caymmi por Domenick Arias

TIRA DA RETA 12
O Abridor de Latas por Marcele Benigno

13 **PORTA-VOZ**
*Entrevista com Cha*cal por Larissa Mendes

A CASA CAIU! 15
Nós Existimos por Luis Otávio Campos

17 **EM QUESTÃO**
"Andando e Dançando no Fio da Navalha" por Patrícia Bastos

QUEM CONTA? 19
Gravura, Arte e o Progresso por Andréa Hygino

Capa comemorativa do centenário do saudoso baianinho. Dorival Caymmi.
Arte da capa por Tatiana Gonçalves | Foto Reprodução

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

C728 COmART. – Ano 1, n.1 (jun. 2012). – Rio de Janeiro : UERJ, Decult, 2012-
v.

ISSN: 23578491
Bimestral

1. Arte e cultura – Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

CDU 7+008(05)

NESTA EDIÇÃO DA COmART

Quando em maio de 2012 escrevi o editorial da primeira COmART desejei-lhe vida longa e parece que fui atendida! De lá para cá esta publicação, que é parte integrante do Projeto Produção Universitária, passou por reformulações na programação visual, ganhou densidade, ampliou a participação de sujeitos que convivem com a COART e nesta primeira publicação de 2014 ganha novo formato e uma inscrição ISSN. Puro orgulho!

Neste exemplar vamos nos envolver com Charles Chaplin, Jorge Mautner, Chacal e Dorival Caymmi além de nos debruçarmos sobre assuntos como construção textual e intolerância. Também estamos inaugurando uma nova coluna e é com grande prazer que nela publicamos poesias de alguns colaboradores.

O tempo universitário é um tempo múltiplo, inovador e grandioso e é assim que queremos que a COmART se estabeleça através das mãos dos Bolsistas Cultura da UERJ.

E novamente,
Vida longa à COmART!

Ilana Linhales Rangel
Coordenadora de Artes e Oficinas de Criação da UERJ e
Idealizadora do Projeto Produção Universitária

VAGABUNDO

CENTENÁRIO

Ao escolher o artista *Charlie Chaplin*, tive que me conter em não colocar tudo o que realizou em 75 anos de carreira. E ainda, descobri que dia 7 de Fevereiro de 2014 foi o centenário do seu mais famoso personagem: *Carlitos* ou *O Vagabundo*. Aqui será uma pincelada sobre as obras de um dos mais importantes atores e cineastas contribuintes da sétima arte.

Charles Chaplin é inspirador. Durante sua infância amarga, apesar de ver sua mãe, atriz e cantora sofrer de surtos psicológicos, e de ter um pai que embora fosse cantor e ator como a mãe, era ausente e alcoólatra, não teve outra saída além de continuar no ramo da família: a arte.

Quando era pequeno, acompanhava sua mãe nas apresentações no teatro, e ficava esperando na coxia. Certa noite sua mãe perdera a voz e a plateia começou a jogar objetos, ferindo a Srª Chaplin. Enquanto ela reclamava com o gerente do teatro, o pequeno Chaplin, com apenas 5 anos de idade, entrou em cena cantando *Jack Jones*, música muito conhecida na época. Ele foi recebido com uma chuva de moedas jogadas pelo público. A partir daí, junto com seu meio irmão, começou a entrar em pequenos grupos teatrais na Inglaterra, ganhando o suficiente para se alimentar e pagar um quarto.

Mesmo tendo uma vida precária, mais tarde, Chaplin fez uma turnê com a trupe Fred Karno pelos EUA. Depois de alguns anos morando no país, Chaplin foi convidado para atuar no estúdio de cinema Keystone, que oferecia um bom pagamento, o que fez com que Chaplin aceitasse o novo trabalho. O cinema tinha acabado de nascer, era preto, branco e mudo. Surgindo na mesma época, o seu mais famoso personagem: *O Vagabundo*.

Mas essa fama não foi de um momento para o outro, Chaplin não foi muito bem na sua estreia no cinema com *Making a Living* (conhecido como *Carlitos Repórter*) em 1914, e quase foi demitido. No entanto, seu diretor resolve lhe dar mais uma chance no seu segundo filme, *O Vagabundo*. Faz sua primeira aparição no filme *Corridas de Automóveis para Meninos*, que foi exibido dias depois. Ele desenvolveu o personagem para estrelar *Carlitos no Hotel*, filmado antes mas apresentado na semana seguinte.

Acontece que Chaplin com sua inquietação artística, depois de um tempo trabalhando para o estúdio, pediu para produzir e dirigir seus próprios filmes, e com um pouco de insistência e pagando do seu próprio bolso, conseguiu fazer 35 filmes na

Keystone - em mais de 20 deles acumulando também as funções de diretor e roteirista. A partir de 1916 Chaplin é conhecido mundialmente, por consequência consegue popularidade e poder em Hollywood, conquistando total independência criativa, assumindo também a produção de seus filmes e fundando seu próprio estúdio.

Depois dessa breve biografia de Chaplin, podemos finalmente entender um pouco dos filmes que escreveu, dirigiu e atuou com cunho de transmitir uma mensagem para os problemas vividos pela época misturando comédia, drama, humor e romance. *O Vagabundo* é um pobre que possui maneiras refinadas e a postura de um cavalheiro, uma das características desse nobre personagem é a humildade e a sutileza. Com suas roupas desajustadas, chapéu coco e bigode, conquistou o mundo inteiro com pouquíssimas palavras. Vamos apenas relembrar alguns filmes que marcaram sua carreira:

Tempos Modernos *(Modern Times*)
Com sua estreia em 1936, *é* um filme que mistura drama, comédia e romance, foi uma crítica aos reflexos gerados pela grande depressão de 1929 e pela automação industrial. Apesar de ter levado três anos para terminá-lo, Chaplin arranjou o roteiro inspirado pela pobreza e pelo desemprego, após a quebra da bolsa. Já na primeira cena, há uma expressiva analogia: ovelhas sendo guiadas em um cercado e trabalhadores saindo da estação de trem (bem parecido com as ovelhas, dando ideia de rebanho). Ao longo do filme, o Vagabundo tem maneiras mecanizadas de agir, é engolido por uma das engrenagens da fábrica, dando a entender que os homens estariam se transformando nas mesmas. O longa metragem foi muito repercutido, pois, embora quisesse somente passar uma mensagem de conscientização política e social, posteriormente fez com que Charles fosse acusado de ser comunista por congressistas conservadores da época. Após setenta e oito anos, *Modern Times* ainda é exemplo de como o homem é "escravizado" pelo capitalismo.

O Grande Ditador (*The Great Dictator*)
Chaplin não era judeu, não tinha religião. Mas como ser humano e artista sentiu a urgência e a necessidade de fazer algo. E foi seguindo essa linha de raciocínio que em 1940, em plena segunda guerra mundial, Chaplin genialmente interpreta os dois protagonistas da história: o ditador Adenoid Hynkel (em clara referência a Hitler) e o barbeiro judeu. O filme *O Grande Ditador*, fez com que Chaplin fosse dado como louco, pois foi muito ousado, satirizando o nazismo e o fascismo. Esse filme também é conhecido pela última fala do personagem do Vagabundo (inclusive, foi o primeiro filme totalmente falado que Chaplin realizava), que é um discurso belíssimo sobre os direitos humano no contexto da Segunda Guerra Mundial. E apesar da clareza política crítica para com Hitler, teve 5 indicações ao Oscar de melhor filme, melhor ator, melhor ator coadjuvante, melhor trilha sonora e melhor roteiro original.

.

A todos que fizeram essa lacônica leitura sobre quem foi Charles Chaplin e o Vagabundo, sugiro que assistam seus filmes (facilmente encontrados na internet) e vejam a sua incalculável importância na história do cinema em Hollywood e no mundo. Descubra o *Vagabundo* que há em você.

por Laisa Felipe

LENTE DE AUMENTO

SOBRE O TEXTO E A ESCRITA

Ao longo destas linhas é oferecida ao leitor uma análise crítica de obras literárias ou sobre algum autor que mereça certo destaque em nosso periódico. A essa pequena parte de um projeto maior nomeamos de Lente de Aumento. Através desta lente, temos como objetivo nos aproximarmos tanto da obra literária escrita em prosa ou poesia quanto do autor desta mesma obra. Para dar início a estas observações minuciosas, começaremos analisando o princípio básico de toda obra literária: o texto. A leitura de grandes obras sempre será necessária se desejamos nos transformar em seres humanos dotados de bons sentimentos, mas antes de tudo, se faz necessário este tipo de reflexão à cerca do real sentido de se abrir um livro e repousar os olhos nas riquezas de ensinamentos contidas em cada volume. O efeito do texto no momento em que cada palavra é anunciada mentalmente para quem a lê, nunca vai deixar de ser uma questão totalmente resolvida.

O mesmo texto lido por mim não vai ser recebido do mesmo jeito por vocês. E é até bom que isso aconteça para que a discussão e o debate sobre a importância de tratar o texto seja tão envolvente quanto o fato de abrir um livro e iniciar aquela leitura que tanto se elogia, mas que ninguém (ou uma minoria significativa) costuma dar o devido reconhecimento. Muito se deve ao trabalho individual de cada autor literário, mas antes da obra tornar-se completa e do autor consagrar-se frente a sua obra existe o texto por assim dizer, pairando numa atmosfera que nossos sentidos são incapazes de perceber. É sobre este elemento que essa análise é feita. É sobre essa essência que devemos direcionar um olhar mais contemplativo porque sem ele não seria possível discorrer sobre a literatura de um modo geral.

Correntes de pensamento são criadas no intuito de esclarecer dentro do âmbito da criatividade que a ideia só torna-se texto quando é inserida definitivamente sobre algum tipo de superfície. Não posso discordar, no entanto para algumas mentes que se fixam no ponto central de alguma ideia criativa, uma imagem fantástica repleta de “efeitos mais que especiais” é construída, imaginada e o texto acabar se tornando parte dessa imagem e posteriormente transcrita para que não se perca para sempre. Despejar em folhas de papel as palavras que povoam a cabeça do escritor não é tarefa muito fácil. À medida que um verbete é anotado, surgem mais outros tantos. Expressões genéricas são inseridas e retiradas como se existisse um departamento de autocensura autorizando o que deve ou

não, ser publicado. Um vocabulário mais rebuscado não deixa o texto mais rico nem mais culto. A ideia central é revisada sob olhares atentos. Corrigir inúmeras vezes os errinhos de ortografia, caligrafia (no caso dos manuscritos) e principalmente o tom da narrativa. É o texto o principal responsável por transportar a essência da mensagem para o público.
A seguir trago a vocês, famosas opiniões sobre a arte da escrita:

"Nós, os que escrevemos, temos na palavra humana, escrita ou falada, grande mistério que não quero desvendar com o meu raciocínio que é frio. Tenho que não indagar do mistério para não trair o milagre. Quem escreve ou pinta ou ensina ou dança ou faz cálculos em termos de matemática, faz milagre todos os dias. É uma grande aventura e exige muita coragem e devoção e muita humildade. Meu forte não é a humildade em viver. Mas ao escrever sou fatalmente humilde. Embora com limites. Pois do dia em que eu perder dentro de mim a minha própria importância - tudo estará perdido". *Clarice Lispector*, em "Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres" (discurso do personagem Ulisses).

"O escritor escolheu a revelação do mundo e especialmente a revelação do homem aos outros homens para que estes adquiram, em face do objeto assim desnudado, toda a sua responsabilidade. Ninguém pode fingir ignorar a lei, porque há um código, e porque a lei é coisa escrita: depois disto, pode infringi-la, mas sabe os riscos que corre. Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e que ninguém se possa dizer inocente." *Jean-Paul Sartre*, em "Situações II".

Sem texto não tem narração, não tem fala, não tem composição de cenário, não tem história, não tem lição e dificilmente a emoção encontrará um sentido de se fazer presente. Em todos esses casos ele será delimitado por dois espaços de não-sentido, dois espaços vazios, um antes de começar o texto e outro depois. É o branco do papel; é o tempo de espera para que um filme comece e o que está depois da palavra "fim"; é o silêncio que precede os primeiros acordes de uma melodia e que sucede às notas finais e etc. É graças a essa "textura" que podemos sentir com a ponta dos dedos o conteúdo que passa através do olhar atento do leitor, uma voz narrando todos os sons das palavras, fazendo morada no nosso subconsciente, ao passo que nosso cérebro vai construindo todo um ambiente propício para que nos transportemos para um lugar onde o texto nos mostrará o que não conseguimos entender com as palavras que juntamos ao longo da nossa breve existência.

por Danilo Machado

COmPOESIA

Você

"Sem coragem de escrever
Com medo
Do que pode acontecer

Preocupado com o mundo
Que só sabe correr
Tentando esquecer
As palavras
Que querem
ME ENLOUQUECER

Me dizem
Que eu quero
Matar ele
Me dizem
Que eu não sei
Amar ele
Me dizem
Que eu devo
Pensar nele

Mas afinal
EU QUERO
Tentar me esquecer
Eu vou enlouquecer

Tentar te esquecer
Vai fazer
Eu morrer

Tento te dizer
Que eu amo você
Mas todo dia
Você corre dizendo:
“Não quero mais saber de você.”

(Tatiana Freitas)

CONCRETO

"p i s o n o a s f a l t o .
p i s o n o a s f a l t o q u e n t e .
p i s o d e s c a l ç o n o a s f a l t o q u e n t e .

é m e i o d i a n a c i d a d e ,
é m e i a v i d a e m m i m . . .

m e u s p é s n ã o s e q u e i m a m .
p i s o d e s c a l ç o n o a s f a l t o c e r c a d o
p o r p r é d i o s q u e m e o l h a m
p e l a s j a n e l a s p e s s o a s a f l i t a s
p o r q u e d a n ç o .

bocas abertas, dedos apontados, parem as
m á q u i n a s ,
chamem as autoridades, levantem
t a p u m e s .

m e u s p é s j á n ã o o s s i n t o ,
já não me sinto em mim como era antes...

danço e resisto insisto invisto persisto
levito infinito no grito bonito do atrito
d a s e l v a d e c o n c r e t o ."

(Larissa Mendes)

"Olho por dentro de olho, não mais sóbrio
Nesse fim de tarde pouco propício e tantas, passos corridos pessoas
Passelento
Por aqueles pés que não dizem nome.

E muito cuidado Francisco de que
Eu também não tenho nome corrido pros teus dedos

E o DESAMOR encontra outro DESARRMÓR
Se encaram trocando sapatos miúdos durante a peste de gripe

intronco pulsante de coisas
de costas na gira de costureira
dedal de fronte
de prata
de mim

e a roda *gira*, pedal *balança* e as mãos *trêmulas* ainda firmes,
com o objetivo de roupa
descalçado
cost

é preto maninho a cor
desenhe mais coisas nessa parede pra refúgio do outro
pra mim
e eu nunca lembro aonde está

amoréfemero
fêmea ciente mulher de mulher de si sendo bicho
fême

ai amor QUE GRITO
volte não que eu tenho outra romaria, mas não tenho
calçada sem aquilo que guardas no bolso

e vem vindo o infinito de teu cabelo *armado, posto*
carregue na cintura nega teu filho

reveze
esse “erre” do teu sotaque
pra ter coisa diferente

e em cabeça de chifre tem eu cavalosem cor

tem eu com raiz forte
platinaDA
de lua

Passelento
Passelento
por mim

Renasça
Ainda
ssAaindo
inté
agora em
duzentas palavras

sentindo
."
(Carolina Burnier)

Gostou do Projeto Produção Universitária e quer contribuir?
Se você possui alguma produção de poesia, envie seu material para nós e ele poderá ser publicado.
Você ainda pode contribuir em outras colunas.
Saiba mais em comartonline.wordpress.com/com-voce

QUEM É?

Em comemoração ao centenário de nascimento, apresentamos aqui um dos grandes nomes da música popular brasileira.

DORIVAL CAYMMI

Quem foi?
Cantor, compositor, violonista, pintor e ator brasileiro.

Quando nasceu?
No dia 30 de abril.

Onde nasceu?
Em Salvador, Bahia

O que fez?
Dorival esteve presente na música desde menino, ele cantava no coro da igreja e aprendeu a tocar violão sozinho fazendo com que desenvolvesse um estilo pessoal, uma de suas primeiras canções foi "*No Sertão*". Em 1930 começou a cantar na rádio vez ou outra e, logo após, estreou o programa "*Caymmi e Suas Canções Praieiras*" na Rádio Clube da Bahia.

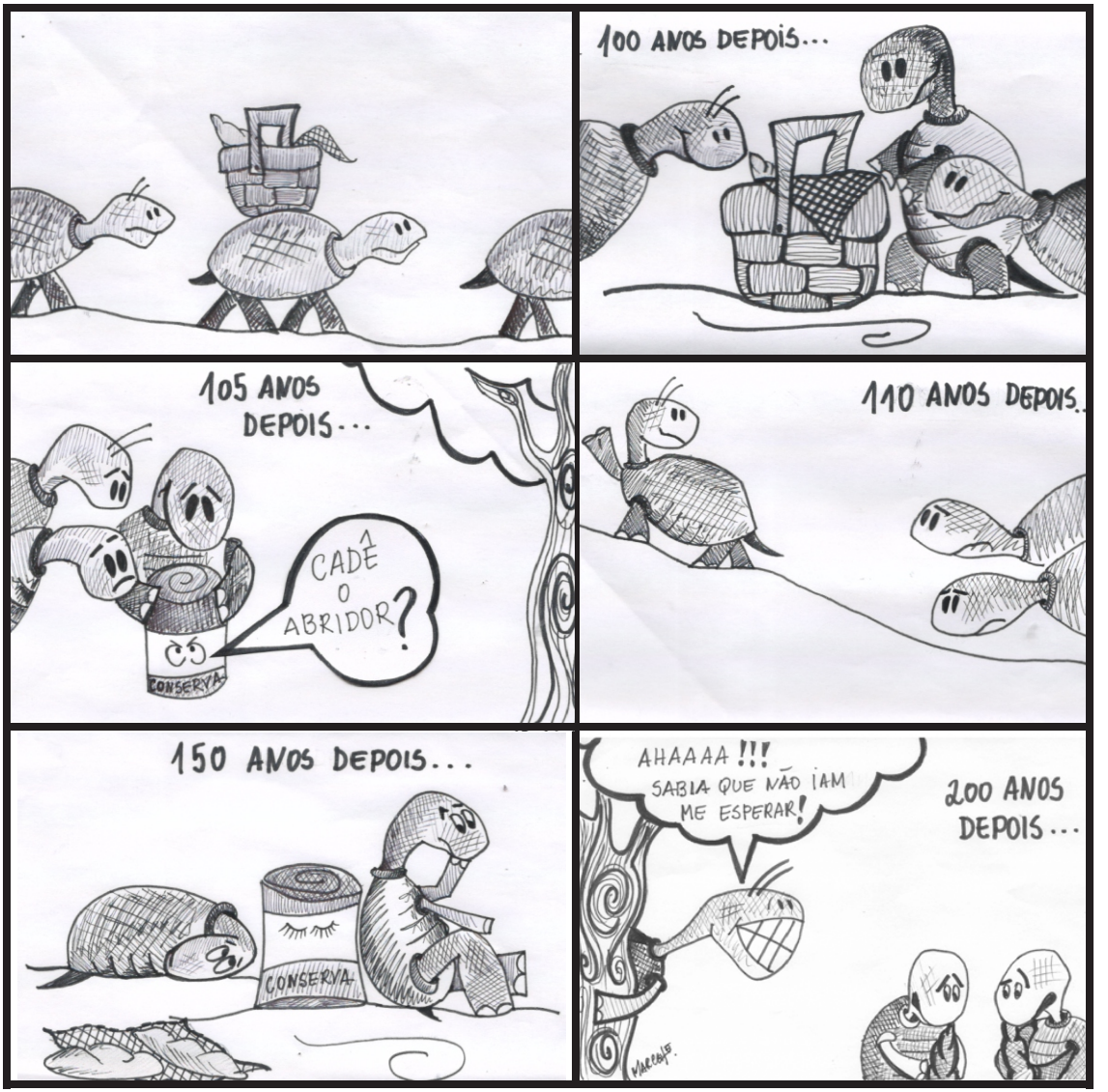
Em seguida, tentou a sorte no Rio de Janeiro e conseguiu apresentar-se na Rádio Transmissora cantando o samba "*O Que É Que a Baiana Tem?*". Abriram-se as portas para a Rádio Nacional, onde conheceu Stella Maris, com quem se casou. Seus sucessos nos anos 40 e 50 foram o "*Samba da Minha Terra*" (1940), "*Rosa Morena*" (1942), "*Marina*" (1947), "*Não Tem Solução*" (1952), "*João Valentão*" (1953) e "*Maracangalha*" (1956).

Em 60 anos de carreira, Dorival Caymmi gravou cerca de 20 discos, fazendo com que sua obra, considerada pequena em quantidade, compensasse essa falsa impressão com inigualável número de obras-primas.

Quando morreu?
Morreu em 16 de agosto de 2008, aos 94 anos, em casa, às seis horas da manhã, por conta de insuficiência renal e falência múltipla dos órgãos em consequência de um câncer renal que possuía havia 9 anos.

por Domenick Arias

TIRA DA RETA



"O Abridor de Latas", inspirado no conto contado pelo meu avô.

por Marcele Benigno

ENTREVISTA COM CHACAL

PAPAGAIO
estranho poder o do poeta.
escolhe entre quase e cais
quais palavras lhe convêm.
depois as empilha papagaio
e as solta no céu do papel.

Ricardo de Carvalho Duarte é **Chacal**. Carioca, músico, letrista, dramaturgo, produtor, poeta e muito mais. Formado pela Escola de Comunicação da UFRJ foi um dos precursores da poesia marginal. Publicou seu primeiro livro *Muito Prazer, Ricardo* em edição mimeografada em 1971 e desde lá não parou. Colabora em antologias, revistas impressas e eletrônicas, performances, como autor e editor de livros, cronista e diretor do CEP 20.000 (Centro de Experimentações Poéticas) que realiza mensalmente eventos multimídia no Rio de Janeiro. Vive da palavra e é aquele artista de múltiplas facetas que coloca a alegria e o coração em tudo o que faz.

Está como escritor convidado pelo Instituto de Letras na UERJ e em março apresentou no Auditório Cartola - COART o monólogo teatral *Uma história à margem*, baseado em sua autobiografia homônima lançada em 2010, que une o texto e a performance de Chacal à direção de Alex Cassal atravessando sua história e oferecendo um registro saboroso e intimista da efervescência cultural marginal das últimas décadas. Com várias apresentações no Rio e em São Paulo, a peça em outubro do ano passado foi apresentada em Frankfurt na Alemanha. Poesia que vai longe, ecoa, ultrapassa, transborda.

Larissa **M**endes **- Como começou a sua relação com a poesia?**

CHACAL - Sempre gostei de ler, mas a poesia entrou primeiramente pela música. O samba, o rock, as marchinhas de carnaval sempre foram muito queridas. Eram palavras lindas e dançantes. Uma emoção sem tamanho. A poesia mesmo vem com Oswald de Andrade no início dos anos 70. Aí tudo se transforma. Principalmente a poesia em prosa dele de João Miramar e Serafim Ponte Grande.

LM - Criado em 1990, o CEP 20.000 se

tornou o mais tradicional encontro de escritores, músicos, atores e aspirantes a ocupações artísticas do Rio, sendo palco inicial de muitos grupos e artistas. Como você vê a sobrevivência, a resistência de mais de 20 anos do CEP, e quais são as propostas para esse ano 2014?

C - O CEP é um grande coletivo, um movimento cultural que se encaixou muito bem com a efervescência cultural carioca dos anos 90. Um mix de gerações. A turma de 20 anos: Michel Melamed, Boato, Poética, Guilherme Levi, Pedro Rocha, Ericson Pires e a turma dos 40: eu, Tavinho Paes, Guilherme Zarvos, Alex Hamburger, Fausto Fawcett, etc. Misturas são quase sempre explosivas. No CEP misturamos linguagens e gerações. Com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura, por incrível que ainda me pareça. Ano passado o CEP já começou a andar. Esse ano irá se concentrar no Méier, no Imperator, mas gostaria muito de fazer um CEP na UERJ, onde estou como escritor convidado. Vamos a ver. O CEP é simples, é um sarau. O segredo está na dinâmica, na qualidade dos convidados e no efeito do acaso.

LM - Embora o CEP tenha o apoio da Prefeitura do Rio, sabemos que, cá entre nós, a cultura na cidade é vista, promovida e gerida como um grande negócio, negociata de artistas e eventos descartáveis. Como é encarar essa realidade?

C - Devemos encarar como sempre: com tesão em se divertir e fazer arte. Essas políticas culturais passam e a arte continua. O bom artista se diverte.

LM - A oficina FALAPALAVRA que acontece no Instituto de Letras da UERJ promove um riquíssimo encontro entre o seu trabalho e as ideias, produções dos alunos. Qual foi para você o resultado dessa união de gerações?

C - A oficina FALAAPALAVRA continua de abril até setembro. Agora será o terceiro módulo. Espero acertar os ponteiros. Os dois primeiros módulos foram já no final do ano passado e em janeiro desse ano. Foi muito duro. Começando o ano letivo, sem tanto calor, a coisa vai pegar. Já pegou na verdade, mas agora vamos aprofundar com o pessoal que está desde o início, os que entraram em janeiro e os que vão entrar em abril. Espero juntar o fazer poético com a criação de zines e livretos. Será muito legal. Recomendo.

LM – E a apresentação do monólogo *Uma história à margem* em Frankfurt, Alemanha? Como foi a recepção dos alemães?

C - A grande maioria do público era de brasileiros que moram lá ou que estavam para a Feira do Livro de Frankfurt. Alguns poucos alemães na platéia acompanharam pelo telão com legendas.

LM – *Uma história à margem* pode ser considerado um manual de sobrevivência para os novos poetas marginais?

C - Larissa, pode indicar caminhos. É bom conhecer essas artimanhas de sobrevivência. Mas na hora H, cada um inventa o seu. Só se conhece, errando. Erremos, pois.

Informações e inscrições sobre a Oficina FALAPALAVRA na sala da direção do Instituto de Letras – 11º andar – UERJ.

CEP VINTE MÉIER – de maio a agosto (datas a definir) no Imperator - Centro Cultural João Nogueira, Rua Dias da Cruz, 170..

por Larissa Mendes

NÓS EXISTIMOS

Num belo dia do mês de novembro de 2013 eu estava andando tranquilamente para o trabalho, quando fui abordado por um homem dentro de um carro. Ele buzinou e disparou diversos insultos contra à minha pessoa e, principalmente, minha vestimenta. Nesse dia eu vestia um pequeno short florido e trazia uma grande bolsa feminina, que acredito tenham sido os geradores de tamanho incômodo. Bem, esse foi apenas um entre vários casos que ocorrem diariamente com pessoas que fogem da norma de gênero. E exatamente por ser mais um entre tantos, esse fato deu início em mim a uma breve reflexão que pretendo compartilhar com vocês.

Ser gay e um corpo transgressor da heteronormatividade coloca o indivíduo em situações que o fazem refletir constantemente sobre condições de vida e inserção na sociedade. Os gêneros e sexualidades que não se adequam ao padrão dominante, sejam eles gays, lésbicas, travestis, drag queens, transexuais, entre outros, vivem invisíveis perante o Estado. Renegados aos guetos e as zonas marginalizadas. Encontram dificuldades de acesso a saúde e, geralmente, não concluem os estudos, por conta da enorme descriminação no meio escolar. Quando o fazem, encontram extrema dificuldade de inserção no mercado de trabalho. O que leva muitos a noite, à rua e à prostituição para conseguirem se manter. Certa vez ouvi de uma transsexual que conheci pelas ruas do centro: “A rua e a noite é onde podemos existir. Contanto que nos mantenhamos invisíveis aos olhos sensíveis dos cidadãos de bem”.

Foucault (1999 p.100), define a sexualidade como um “dispositivo histórico” buscando desmistificar a idéia de que a sexualidade partiria de um contexto primordialmente biológico, desconstruindo o discurso de que a heterossexualidade seria a orientação sexual natural a ser “seguida” por todos:

> “A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias do poder e do saber.” (FOUCAULT).

A partir disso, podemos apreender que o sexo foi ferramenta fundamental da

classe dominante para controlar e delimitar as ações dos componentes sociais. Segundo Foucault, discutiu-se muito sobre o sexo, com uma dispersão das sexualidades, a fim de assegurar o estabelecimento de uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora. A partir de então o processo de proliferação de padrões sexuais obteve bastante êxito no senso comum e os desviantes foram devidamente catalogados e criminalizados. Foucault (1988, p. 37): “anexou-se a irregularidade sexual à doença mental; da infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos; em torno das mínimas fantasias, os moralistas e, também e sobretudo, os médicos, trouxeram à baila todo o vocabulário enfático de abominação”.

Os transgressores da norma estão fadados às punições criadas pelas táticas eficazes da intervenção. Mesmo que o Estado não possa mais exercer a punição física pela lei, as penalidades continuam presentes, responsáveis por diversas mortes.

Mortes essas que graças a invisibilização desse grupo perante a mídia, se matém desconhecidas para grande parcela da população. Quantas pessoas sabem que o Brasil lidera o raking de países onde ocorrem o maior número de assassinatos contra gays, lésbicas, travestis e transexuais? Quantos desses casos são noticiados nos telejornais? Nesse contexto a mídia é fundamental para que continuemos invisíveis. O espaço que nos é dado restringe-se ao designado pela norma. Construções degradantes e pejorativas, utilizando de esteriótipos para ridicularização, e, não raramente, personagens de homossexuais adequados a norma para demonstrar que para sermos inseridos devemos nos adequar ao gênero. Quantas propagandas existem com componentes não heterossexuais vinculadas na TV, jornal, rádio e pelas ruas da cidade? As empresas de grande porte utilizam as ideologias de dominação para continuar sua hegemonia, por isso, reproduzem essas normas e valores através dos meios de comunicação em massa. Mesmo sendo um grande público consumidor, somos invisibilizados em prol da manutenção desse modelo patriarcal de sociedade que é econômica e politicamente conservador e desigual.

A luta não é por nada além do reconhecimento do que existe. Da diversidade, com verdade. Tirar das sombras seres humanos que não tem reconhecidos seus direitos de cidadãos. A aceitação da condição sexual é pouco, apesar da custosa luta. Tem que haver o reconhecimento das variadas condições de gênero.

por Luis Otávio Campos

EM QUESTÃO

A questão aqui é o bem vindo resgate de Jorge Mautner. Cantor, compositor e escritor brasileiro.

"ANDANDO E DANÇANDO NO FIO DA NAVALHA"

A primeira vez que realmente parei para ouvir Jorge Mautner foi quando ele e Caetano Veloso resolveram compor juntos, em 2002, o CD *Eu não peço desculpa,* um bom CD. Mas foi algum tempo depois que consegui ouvir através de uma gravação pirata, tirada diretamente do LP de 1972, o seu primeiro disco, *Para iluminar a cidade*. Foi nesse trabalho que conheci a que pra mim é uma das canções mais geniais de Mautner, *Estrela da noite*, da onde tirei o título deste texto: *´A noite é escura/ E o caminho é tão longe que me leva a loucura/ Andando e dançando/ No fio da navalha/ Eu sou o faquir/ Eu sou o palhaço/ E um grande canalha...”*.. Outras faixas como *Anjo infernal* e *Quero ser locomotiva* também incluo entre as minhas preferidas, mas a verdade é que o disco todo é lindo.

Filho de mãe iugoslava e católica e de pai judeu austríaco, Mautner nasceu logo depois da chegada de seus pais ao Brasil : “ *Eu nasci aqui um mês depois de meus pais chegarem ao Brasil fugindo do holocausto*”. Após a separação de seus pais, em 1948, sua mãe casa com o violinista Henri Muller, que ensina Mautner a tocar o instrumento. Aos 15 anos escreveu *Deus da chuva e da morte*, publicado em 1962 e vencedor do prêmio Jabuti de literatura, logo depois escreveu *Kaos*, em 1964, e *Narciso em tarde cinza*, de 1966, formando o que então ficou conhecida como a trilogia *Mitologia do Kaos*.

Nesse meio tempo muitas coisas aconteceram na vida bastante singular do artista, desde sua prisão em 1964 por seu “comportamento subversivo” até sua ida para os Estados Unidos, onde trabalhou com tradução de livros brasileiros, foi secretário do poeta Robert Lowell e teve grande influência de Paul Goodman, poeta, sociólogo e militante anarquista pacifista. Nos anos 70 vai para Londres, onde encontra Caetano e Gil, de quem se aproxima. Lá dirige e participa do filme *O Demiurgo*, com a participação de Caetano, Gil, José Roberto Aguilar, Péricles Cavalcanti e Leilah Assunção. O filme é censurado e Mautner passa a exibi-lo após seus shows para o público. Glauber Rocha afirma que o filme é o melhor sobre o exílio. Quando retorna ao Brasil, passa a escrever para o Pasquim. Por essa época conhece Nelson Jacobina, figura que se tornaria grande amigo e parceiro musical.

Tudo isso é mostrado no documentário *Jorge Mautner – o filho do holocausto*

(de 2012) que apesar de dirigido por Pedro Bial e de ter um formato tradicional baseado em imagens de arquivos e entrevistas, vale muito à pena ser visto. O filme mostra o próprio Mautner narrando sua história, numa mistura de nordeste, Europa, judaísmo e candomblé. Os depoimentos de artistas contemporâneos são bem interessantes e revelam a grande influência do compositor na música brasileira. Pra completar enfim, esse bem vindo resgate de Jorge Mautner nesse verão de 2014, acaba de sair uma caixa com seus três primeiros discos , lançados pela primeira vez em CD. O primeiro, de 1972, *Para iluminar a cidade,* já mencionado anteriormente. O segundo, *Jorge Mautner*, de 74, é produzido por Gilberto Gil e conta com a participação de grandes músicos como o iniciante Roberto de Carvalho, marido de Rita Lee, além disso , é o disco que contém o mega sucesso *Maracatu atômico*, regravado por Gil e Nação Zumbi.

O terceiro , de 1976, *1001 noites de Bagdá*, é o disco mais estranho, com sonoridade totalmente fora do padrão mercadológico. Bom, estou ouvindo aos poucos, mas a qualidade é rapidamente diagnosticada.

Enfim, pra você que gosta de boa música, a caixa de Jorge Mautner é uma grande pedida. E como não poderia deixar de ser, pra terminar bonito, uma parte do *Movimento Universalista do Kaos*, escrito pelo próprio:

"E no espaço e no vento
Nos ciclones e vendavais
Eu sou o aço do abraço e o documento
Dos nomes e fomes e se és dos homens e lobisomens e dos
[etcétera é tais

Movimento Universalista
Do Kaos com k
É o envolvimento no universo sensualista
Do Tao e do som de eon do balafon do elétron
[bom e do plá do plá

É como a canção
Do Jackson do Pandeiro
É o Rei Momo e o não da emoção
O dõ do kendô do Aikido do amor de Xangô e do
[verdadeiro brasileiro"

por Patrícia Bastos

QUEM CONTA?

Quem conta é **Andréa Hygino**. Andréa é estudante do curso de artes visuais da UERJ, percussionista à força e colunista de improviso. Tudo, por amor a arte!

GRAVURA,
ARTE E O PROGRESSO

Estabeleci os primeiros contatos com a técnica da xilogravura durante a disciplina de gravura cursada no segundo semestre de 2011. O conhecimento raso, quase nulo, a seu respeito fazia das ilustrações de literatura de cordel as únicas referências das quais minha mente poderia se valer. Contudo, era preciso adentrar este terreno ainda desconhecido.

No primeiro momento de contato com a técnica, a matéria (madeira) arredia e pouco permissiva a ação das mãos e das goivas, bem como a lentidão no processo de obtenção da imagem, me colocavam frente aos impasses materiais da mais rudimentar das técnicas de reprodução de imagem. Como indivíduo deste século, habituada a rapidez e compulsividade com que são geradas e consumidas as imagens, adequar-me a certas limitações intrínsecas a gravura em madeira, apesar de custoso, tornou-se foco de minha atenção. Interessava-me o fato de parecer tão desapropriado, desajustado, o uso daquela técnica nesses tempos de máquinas fotográficas HD, cinema 3D, imagens de alta resolução, e uma série de outros aparatos tecnológicos de fácil acesso e manipulação. Imaginava quantas cópias de determinada imagem poderia reproduzir uma impressora, no mesmo espaço de tempo que eu levaria para imprimir, manualmente, uma só cópia xilográfica. Tais reflexões logo tornaram claro o que, para mim, parecia ser uma das peculiaridades do campo da arte: seu anacronismo.

A progressão histórica esteve sempre acompanhada do progresso da técnica de reprodução de imagens. Cada invento surgido vinha superar seus anteriores em requisitos como rapidez na obtenção da imagem, maior objetividade, praticidade, capacidade de aproximação com o real e, sobretudo, produtividade – a gravura artesanal foi superada pela fotografia, a fotografia pelas imagens eletrônicas da televisão, a TV pela imagem digital dos computadores, e assim por diante. A sucessiva suplantação das inovações de acordo com sua capacidade de melhor atender a esses requisitos reflete o ideal de progresso inerente ao terreno da ciência e da tecnologia. Nestes domínios, a lógica é a da constante busca do

aperfeiçoamento da produção.

Contudo, se no campo da produção técnico-científica podemos perceber nitidamente esta lógica do progresso, no campo da arte ela não se aplica.

Mesmo frente ao inegável desenvolvimento de procedimentos cada vez mais avançados tecnologicamente, não se observa na História da Arte o abandono de linguagens que, em outro contexto, seriam consideradas ultrapassadas. Em lugar da contínua substituição em que o novo toma o lugar do antigo, o que se observa na arte é a coexistência horizontal de técnicas tradicionais como a pintura, a escultura e o desenho, e novas mídias como o vídeo e a fotografia. Se uma nova linguagem desponta dentro do campo da arte, ela não tomará o lugar de outra já existente, mas abrirá este campo para novas possibilidades expressivas. Foi assim com a fotografia - mesmo apesar da suposta “ameaça de morte” à pintura, e da relutância de alguns em admiti-la como prática artística durante muito tempo.

Isto, que compreendo como o peculiar anacronismo do campo da arte, é observado por Giulio Carlo Argan num dos trechos do ensaio “A História da Arte”:

> "(...) foi ficando cada vez mais claro que a história da arte é, sim, história da cultura, mas de uma cultura *sui generis,* estruturada e dirigida pelo empenho operativo de um trabalho a ser executado de maneira a ter valor de exemplar; e que essa cultura, pela própria finalidade imanente do valor a ser alcançado através desse trabalho é refratária àquela linearidade ascendente do progresso(...)Viu-se também que essa cultura sem progresso, pela qual toda experiência passada permanecia disponível e aproveitável no presente da obra que se faz, se qualificava independente do esquematismo lógico, da identidade fortemente limitativa do real-racional hegeliano. Sua composição heterogênea, em que vinham à tona como ainda vitais tantos motivos que a cultura oficial dava por superados e irrecuperáveis, e seus procedimentos destituídos de consequencialidade lógica revelavam uma profundidade, uma extensão, desconhecida da cultura mais diretamente relacionada com as estruturas ferrenhas da autoridade." (ARGAN *apud* DUARTE,1999, pag.26)

Nesta “Cultura sem Progresso” a gravura não se encontraria em nível inferior, ou superior, a impressão automática ou a transmissão via televisão; seus critérios não obedecem a um ideal evolucionista.

Creio que, para além de sua potencialidade reprodutora, técnicas como a xilo, lito ou gravura em metal, ainda são solicitadas no campo da arte por conta de sua potência enquanto meios de expressão, linguagens. Exprimir-se graficamente através da pedra, da madeira, da borracha, do metal, do isopor – suponho que nisto esteja um dos grandes valores plásticos e poéticos da gravura.

Referência
DUARTE, Paulo Sérgio. As técnicas de reprodução e a ideia de progresso em arte. In: *Mostra Rio Gravura*. Catálogo Geral do Evento. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1999

por Andréa Hygino

Essa é uma publicação do projeto Produção Universitária. O projeto tem por objetivo dar visibilidade à criação acadêmica, artística, coletiva e individual dos Bolsistas Cultura da COART.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SUB-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA - SR-3
DEPARTAMENTO CULTURAL - DECULT
COORDENADORIA DE ARTES E OFICINAS DE CRIAÇÃO - COART
PROJETO PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA

COmART
Publicação do Projeto Produção Universitária
ANO II nº11 - Abril de 2014

Direção Geral
Ilana Linhales Rangel

Editora Chefe
Tatiana Gonçalves

Revisão
Patrícia Bastos

Colunistas
Danilo Machado
Domenick Arias
Luis Otávio Campos
Laisa Felipe
Larissa Mendes
Patrícia Bastos

Colaboração
Andréa Hygino
Amanda Neves
Marcele Benigno

Projeto Gráfico e Diagramação
Tatiana Gonçalves

Impressão
Gráfica UERJ

Contato: (21) 2334-0625
contato.comart@gmail.com
comartonline.wordpress.com